



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço oferecido ao primeiro-ministro de Trinidad e Tobago, Patrick Manning**

**Palácio Itamaraty, 23 de julho de 2008**

**Jornalista:** O que o senhor achou da proposta americana no primeiro dia de Doha?

**Presidente:** Eu tenho dito que sou o mais otimista dos dirigentes do mundo com a possibilidade de fazer um acordo na Rodada de Doha, até porque eu estou convencido de que se nós quisermos ter paz no mundo, se nós quisermos combater o terrorismo e se nós quisermos evitar essa perseguição que existe aos imigrantes no mundo inteiro, nós temos que ajudar a desenvolver os países mais pobres. E isso, necessariamente, passa por um bom acordo na Rodada de Doha, em que os europeus flexibilizem o mercado de agricultura, para que os países pobres possam vender os seus produtos, que os Estados Unidos reduzam os seus subsídios, e que nós, do G-20, façamos uma flexibilização na questão de produtos industriais. Nós já demos demonstrações a eles de que estamos dispostos a fazer isso, mas eu acho que eles sempre acham que os países emergentes têm que se subordinar à lógica e à teoria deles.

Portanto, se não houver uma efetiva diminuição dos subsídios dos Estados Unidos e se não houver uma efetiva flexibilização para o mercado agrícola dos europeus, não tem acordo e cada um que arque com a sua responsabilidade. Cada um, depois, vai colher o que plantou, porque o mundo passa por uma crise de alimentos, nós precisaríamos incentivar para que o mundo todo produzisse mais alimentos e para os países mais pobres plantassem alimentos. É preciso que haja perspectiva de mercado para eles



venderem os seus produtos. Isso, para mim está muito claro e eu acho que tanto os americanos, quanto os europeus estão habituados a um tempo em que não havia negociação. Eles impunham aquilo que eles queriam e os outros eram obrigados a aceitar. Hoje, é preciso levar em conta a existência dos países emergentes, é preciso levar em conta a existência de uma maior consciência de soberania alimentar nos países do mundo inteiro e, portanto, eu continuo na expectativa de que o Brasil vá fazer um acordo com os países.

O Celso Amorim é um extraordinário negociador e, portanto, eu penso que nós estamos em boas mãos.

**Jornalista:** Ontem o ministro Mantega fez um relato sobre a (inaudível) da inflação. Está sob controle mesmo, Presidente?

**Jornalista:** Precisa de mais medidas para conter a inflação?

**Presidente:** Qual é o dado concreto? Primeiro, eu tenho dito todo santo dia que combater a inflação é quase uma questão de honra para o governo. Porque eu estive do outro lado durante toda a minha vida, vivendo como trabalhador, e eu sei que a inflação prejudica exatamente as pessoas que ganham menos. Exatamente aqueles que vivem de salários é que terão maiores prejuízos. Por isso é que eu transformo o combate à inflação numa questão de honra. Se alguém imagina que a inflação vai voltar, como já aconteceu no Brasil, “pode tirar o cavalo da chuva”, porque não vai voltar. Nós tomaremos todas as medidas que forem necessárias para que a gente mantenha a inflação controlada.

O Brasil vive um excepcional momento, a economia está crescendo, os investimentos são muitos e a perspectiva de novos investimentos são maiores ainda. Só hoje, eu recebi informação de mais duas fábricas de papel e celulose que serão instaladas, uma no Piauí e outra no Maranhão, e de mais uma que



será aumentada na Bahia. Nós estamos pensando em várias siderúrgicas no Brasil, nós estamos pensando em um trem de alta velocidade, cujo leilão será feito em março do próximo ano. Nós estamos pensando em duas grandes refinarias, as duas juntas somando 900 mil barris/dia, uma de 600 mil e outra de 300 mil. Portanto, são investimentos extraordinários que mostram que o crescimento será sustentável realmente e o crescimento é definitivo no Brasil.

**Jornalista:** O aumento de juros não atrapalha?

**Presidente:** O PAC continua com toda a sua programação adequada e eu acho que esses investimentos de que eu estou falando não terão problemas com os juros porque já estão contratados, a taxa de juros já é outra, é só colocar as máquinas para trabalhar. E podem ficar certos de que nós vamos fazer um esforço muito grande para evitar que a inflação volte, porque a inflação é danosa à sociedade brasileira. Lamentavelmente, alguns setores aproveitam o momento em que o povo está consumindo para aumentar preço e nós precisamos cuidar disso com muito carinho.

Eu não vou diminuir o consumo neste País, porque se tem uma coisa que o povo pobre passou a vida inteira esperando é o direito de comer três vezes ao dia, o direito de entrar num shopping e comprar uma roupinha, comprar alguma coisa e isso nós vamos garantir. Vamos garantir, custe o que custar.

Vocês estão lembrados que eu fiz um decreto, esses dias, criando uma comissão para pensar a questão do pré-sal e como tratar a questão do petróleo a partir do pré-sal. E eu tenho dito uma coisa para os ministros: vocês pensem o que vocês quiserem, projetem o que vocês quiserem, mas com uma parte do petróleo que nós encontramos, nós vamos cuidar dos pobres deste País. Eu acho que está na hora de os pobres ocuparem um lugar de destaque nos



indicadores de bem-estar social e não apenas nos indicadores de miséria, como foi durante o século passado.

**Jornalista:** Existe uma expectativa grande em relação à participação do senhor nas eleições municipais. O senhor já decidiu como é que o senhor vai fazer isso?

**Presidente:** Eu vou evitar, o máximo possível, participar das eleições municipais. Eu vou tentar fazer as minhas viagens, trabalhar dentro do Brasil e fora, e vou deixar as eleições mais para os partidos e para quem é candidato. Afinal de contas, eu tenho muitos aliados disputando eleições. Eu não vou me meter nisso, porque o resultado... É sempre assim: os que ganham acham que o mérito foi deles, e os que perdem depositam nas minhas costas a derrota, porque eu não fui ou porque fui apoiar o outro. Então, eu prefiro ficar distante.

(\$31EGJLP)